

Como controlar o uso dos dispositivos móveis em família

Bruce Feiler - The New York Times | 12 Abril 2015 | 06h 00

Alguns falam em liberdade e responsabilidade, dão o celular para o filho e então reagem à medida que surge uma situação. Mas outros tentam fazer mais, estabelecendo regras

Embora as pessoas achem que os filhos sabem tudo sobre a mídia social, na verdade eles ainda estão aprendendo

Os pais têm uma relação de amor e ódio com tudo o que é a primeira vez. Por exemplo, adoram o primeiro sorriso, os primeiros passos, a primeira vez de um sono a noite inteira. Mas há coisas que odeiam: a primeira gripe, a primeira crise de birra, o primeiro osso quebrado. À medida que as crianças crescem, essas primeiras vezes se tornam mais sutis, gerando alegria pela independência dos nossos filhos e o temor de escaparem: as primeiras férias de verão fora de casa, o primeiro namorado, a primeira carta de motorista.

Mas poucas primeiras vezes geram mais ambivalência do que o primeiro celular.

De um lado, muitos pais acolhem com satisfação esta descoberta. Agora podem monitorar os filhos quando estiverem fora de casa e avisá-los de que estão atrasados. Além disso podem ter mais influência. Uma mãe disse-me que "descobri que o telefone me deu um novo poder porque posso confiscá-lo".

Por outro lado, as crianças tendem a desaparecer através do espelho quando conseguem seu primeiro telefone. Ficam vulneráveis ao lado sombrio da internet e atividades rotineiras mudam completamente. "Costumávamos ser uma família antes de eles terem os telefones. Agora nunca estamos juntos", queixou-se um pai. (Este problema assumiu mais importância em Nova York este mês, já que as crianças agora podem levar seus celulares para a escola, isto porque o prefeito Bill de Blasio anulou proibição estabelecida pelo prefeito Bloomberg).

Como devem os pais lidar com esta transição? Alguns falam em liberdade e responsabilidade, dão o celular para o filho e então reagem à medida que surge uma situação. Mas outros tentam fazer mais, estabelecendo regras.

O casal Obama, por exemplo, diz que não permitiu que suas filhas usassem celular até os 12 anos, e não podem usá-los nos dias de semana, as meninas ficaram longe do Facebook até os 17 anos e deram a elas o que a primeira dama chamou de "palestras" sobre o perigo de conversas com estranhos. Janell Burley Hoffman, uma mãe de Massachusetts escreveu a seu filho de 13 anos uma carta quando ele ganhou seu primeiro celular, com uma lista de 18 ordens, incluindo: "se o telefone tocar, atenda. É um telefone. Diga alô, seja educado. Nunca ignore uma chamada se a tela mostrar que é sua mãe ou seu pai. Nunca".

A Internet está explodindo com dezenas de contratos para múltiplas plataformas para os pais executarem com os filhos. Como pai de gêmeos gosto da ideia, mas sou bastante realista para saber que um contrato de três páginas será rapidamente ignorado e nem vai se adequar com o último aplicativo para evitar chamadas dos pais. O que eu desejo muito seria um conjunto de regras abrangentes para guiar nossas interações:

Ainda sou o seu pai. Yalda Uhls, psicóloga na Common Sense Media e autora do livro "Media Moms & Digital Dads", diz que os pais têm de estabelecer diretrizes antecipadamente. "Acho que quando você dá ao seu filho algo que vai dar a ele acesso ilimitado à internet e a seus amigos, é importante deixar claro que você é o proprietário do aparelho, você paga por ele e no caso de um comportamento que, na sua opinião, não respeita os valores da sua família, você poderá tirá-lo das suas mãos".

Deve fazer parte deste acordo cláusula de que você respeitará os seus limites, disse a psicóloga, mas por outro lado terá o direito de entrar em qualquer rede social que eles entrarem, conhecer as senhas deles e checar o que escrevem. Isto pode criar situações incômodas, disse ela, como quando sua filha mencionou numa página no Instagram de um amigo como era divertido quando ele roubava de alguma loja. "Fiquei horrorizada, mas preferi concentrar o impacto nele. 'Este é um fórum público', escrevi: 'seus pais verão isto'". Ele removeu o comentário.

Embora as pessoas achem que os filhos sabem tudo sobre a mídia social, na verdade eles ainda estão aprendendo. "Eles estão tão concentrados em si mesmos e seus amigos que não percebem que outras pessoas

estão observando".

Quando os pais dizem, 'você pode usar o celular somente a partir de tal hora a tal hora', é difícil de monitorar isto

Afastar-se do seu telefone. Dos dez contratos que examinei, um item apareceu com mais frequência: "os telefones serão desligados e guardados determinadas horas da noite". A pesquisa apoia esta regra. Um estudo feito na Universidade de Basileia concluiu que os adolescentes que continuam com seus celulares à noite têm mais probabilidade de assistir vídeos, escrever mensagens e dormir pouco, além de revelarem níveis mais altos de depressão. Lynn Schofield Clark, professor na Universidade de Denver e autor do livro "The Parent App", disse-me que estabelecer limitações físicas é mais fácil do que exigir restrições de tempo.

"Quando os pais dizem, 'você pode usar o celular somente a partir de tal hora a tal hora', é difícil de monitorar isto. A psicóloga recomenda que todos os celulares sejam colocados numa caixa ao lado da porta quando as crianças entrarem em casa, ou todos os aparelhos sejam colocados no centro da mesa na hora das refeições, mesmo no restaurante.

"Não importa as regras que foram estabelecidas, certifique-se de colocar os carregadores do celular num lugar público, de modo que os telefones têm de estar fora do alcance à noite", disse ela.

É função dos pais explicarem que a comunicação digital pode facilmente ser mal interpretada. Ken Denmead, editor do GeekDad.com e autor de diversos livros, disse-me que explica a seus filhos adolescentes que conversas de texto não têm nenhuma nuance emocional a menos que você faça algo mais para colocar alguma emoção. "Você pode usar sorrisos e Emoticons para dar um colorido àquilo que está dizendo", disse ele. Conclusão: antes de enviar uma mensagem releia o texto. Reflita se um ponto de exclamação poderia ser entendido como algo agressivo.

Regra da vovó. Todos concordam que é preciso impedir as crianças de escreverem mensagens com conotação sexual, intimidatórias ou postar alguma coisa inadequada. Mas como comunicar isto? Uma mãe disse-me que exige que as crianças cole suas postagens potenciais na porta da geladeira e então esperem o voto da maioria da família. Ken Denmead diz a seus filhos: "Sempre finja que está falando diante de uma multidão".

Yalda Uhls recomenda dar às crianças um exemplo ilustrativo. "Pense na sua avó. Pense no indivíduo mais inoportuno na sua vida. Antes de enviar uma mensagem pense como essa pessoa reagiria". Minhas filhas independentemente sugeriram a mesma regra e quando perguntei quais seriam as consequências por violá-la, elas disseram "mostrar a postagem para a vovó".

Nada de telefones quando a família estiver reunida. Todas as pessoas com quem conversei haviam estabelecido algumas regras sobre o tempo com a família. Yalda Uhls disse que "quando era mais jovem e tinha aulas sobre educação dos filhos todos diziam: 'apenas dez minutos no chão com as crianças. Hoje digo a mesma coisa, 'apenas dez minutos sem aparelhos. Este é o momento de ficarmos juntos'".

Na família de Ken Denmead, os primeiros 20 minutos de cada passeio de carro são reservados para bate-papo. Depois disto os aparelhos podem ser ligados. "Acho que somos extremamente nostálgicos do 'jogo das placas de carro'. É apenas para substituir o tédio".

Schofield Clark foi ainda mais longe, acrescentando o tempo junto com a família no acordo que fez com seus filhos. A regra estabelecida foi: "semanalmente faremos atividades em que tecnologia não entra, como caminhadas, andar de bicicleta, passear com os cachorros. De vez em quando sairemos em retiro, também sem nenhum aparelho de tecnologia, vamos pescar ou acampar".

Os pais também estão incluídos. Algo que ouvi e me surpreendeu no caso destes acordos é que eles deveriam incluir restrições para os pais, que seriam os que mais abusam da tecnologia. A filha de Schofield Clark insistiu na cláusula: "quando tenho algo a dizer, mamãe tem de fechar seu laptop e ouvir".

Esta história comporta também uma lição final sobre o controle da mídia em família: nenhum acordo de tecnologia pode ser considerado definitivo. Ele tem de ser revisto com cada novo filho, cada fase nova, ou no caso de um novo aparelho ou aplicativo.